

Apresentação – Minorias de gênero e sexualidade: explosão de narrativas, explosão de lugares

“A homossexualidade neste mundo é possível desde que não falemos sobre isso”

Hervé Guibert (1990, p. 34)²

“Não importa se você não acorda sozinho se ao seu lado está um cara e que do seu olho escorre uma lágrima”.

Eddy de Pretto (2017)³

Primeiramente, desejamos agradecer à Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica por ter aceito nossa proposta de coordenar este dossiê, reunindo pesquisas sobre narrativas LGBTIQ⁴, e parabenizar os editores por esta decisão, face às repercussões desta temática no atual contexto político brasileiro.

A chegada de Bolsonaro ao poder, no início do ano de 2019, foi acompanhada de uma série de proposições homofóbicas, tanto por parte do Presidente brasileiro quanto de seu governo. Para lembrar apenas alguns exemplos, dentre outros, a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves, declarou, em janeiro de 2019, que as “meninas vestem rosa” e os “meninos vestem azul”, como forma de marcar sua posição a favor da diferença entre os dois sexos e da negação da identidade de gênero. Em maio de 2019, a referida ministra denunciaria o desenho ani-

mado “Frozen”, pela propaganda homossexual, seguindo assim os passos do Presidente que, algumas semanas antes, contestara a ideia do Brasil se tornar um “paraíso para turistas gays”. Os contextos de vida não se limitam aos contextos políticos, a arena jurídica brasileira avança com certos progressos contra as fobias LGBT. No dia 23 de maio de 2019, seis dos onze juízes da Corte Suprema do Brasil pronunciaram-se pela classificação da homofobia e da transfobia como crimes específicos nos mesmos termos que o racismo. O Supremo Tribunal Federal estimou que não incluir as discriminações homofóbicas e transfóbicas nas leis antidiscriminatórias seria um ato contrário à Constituição, o que mostra o quanto as temáticas LGBTIQ, à semelhança dos direitos das minorias, estão constantemente ameaçadas. Essas primeiras palavras estariam destinadas, então, a agradecer à revista e seus diretores e diretoras, por terem aceitado levar adiante nossa proposição.

Ainda que os estudos sobre narrativas tenham, desde um certo tempo, convivido com os estudos feministas e de gênero (DIENGOTT, 1988⁵; LANSER, 1986⁶; DE LAURETIS, 1984⁷; HOMANS, 1984)⁸; foi necessário esperar esses últimos anos para que as pesquisas biográficas

1 Texto traduzido por Camila Aloisio Alves.

2 GUIBERT, Hervé. **A l'ami qui ne m'a pas sauvé la vie**. Paris: Gallimard, 1990, p. 34.

3 DE PRETTO, Eddy. “Grave”, Album Kid, 2017.

4 Lesbiennes, Gays, Bissexuelles, Transgenres, Intersexes et Queer.

5 DIENGOTT, Nilli. Narratology and feminism. **Style**, n. 22, p. 42-51, 1988.

6 LANSER Susan. Toward a feminist narratology. **Style**, n. 20, p. 341-363, 1986.

7 DE LAURETIS, Teresa. **Alice doesn't: feminism, semiotics, cinema**. Bloomington: Indiana UP, 1984.

8 HOMANS, Margaret. Feminist fictions and feminist theories of narrative. **Narrative**, n. 2, p. 3-16, 1984.

explorassem as vozes e as narratividades LGBTIQ (MENSAH, 2017⁹; LORENZI, 2017¹⁰; SOUZA, 2015¹¹; BRADFORD 2011)¹². As tendências à despatologização dos discursos (especialmente autobiográficos), ao aumento das narrativas e depoimentos e à complexificação das narrações já está posta (ROSENBERG, 2017)¹³, o que é enfatizado particularmente pelas pesquisas sobre as narrativas digitais de LGBTIQ, no âmbito dos *cultural studies* (BREDA; BOURDAA, 2019¹⁴; PUGH, 2018¹⁵; YOURD, 2014¹⁶; LÉVY; DUMAS; CHAMBERLAND; CHICOINE, 2013)¹⁷.

Duas tendências nos interessam particularmente: de um lado, a especialização das pesquisas em temáticas variadas e, de outro lado, a autonomização de cartas que usam a abreviação LGBTIQ, a partir da emergência das pesquisas e estudos “trans” e “intersexos”.

A primeira tendência mostra uma exploração das temáticas dos campos nos quais as questões LGBTIQ podem emergir. Enfatizaremos, por exemplo, a explosão das pesquisas em torno da escola (RICHARD, 2015¹⁸; DAGORN; ALESSANDRIN, 2015¹⁹; PETER; CHAMBERLAND, 2015²⁰; REYGAN, 2015)²¹ e outras mais marginais, em torno das questões de família (VECHO; SCHNEIDER, 2015²²; WEEKS; HEAPHY; DONOVAN, 2001²³) ou de saúde (SENTIS, 2019²⁴; RAIL et al, 2009)²⁵. Esse transbordamento dos espaços do gênero e da sexualidade para outras instâncias da vida aponta para uma abertura não negligenciável nas narrações LGBTIQ.

A segunda tendência salienta mais a segmentação de subpopulações LGBTIQ. Assim, as lésbicas (QUEMENER, 2014²⁶; CHETCUTI, 2014²⁷), os gays, os(as) bissexuais, as pessoas trans

9 MENSAH, Maria Nengeh et al. Militer par le témoignage public: défis et retombées pour les communautés sexuelles et de genres. **Reflets: revue d'intervention communautaire et sociale**, n. 23, p. 82-118, 2017.

10 LORENZI, Marie-Émilie. « « Queer », « transpédégouine », « torduEs », entre adaptation et réappropriation, les dynamiques de traduction au cœur des créations langagières de l'activisme féministe queer », **GLAD! [En ligne]**, 02 | 2017, mis en ligne le 01 juin 2017, consulté le 13 juin 2019. URL: <https://www.revue-glad.org/462>

11 SOUZA, Elizeu Clementino de. Direitos humanos e diversidade sexual na escola: homofobia, trabalho docente e cotidiano escolar. **Conjectura: Filosofia e Educação (UCS)**, v. 20, p.198-220, 2015.

12 BRADFORD, Simon Bradford; CLARK, Marilyn. “Stigma Narratives: LGBT Transitions and Identities in Malta”. **International Journal of Adolescence and Youth**. n.16, p.179-200, 2011.

13 ROSENBERG, Shoshana. Coming in: queer narratives of sexual self-discovery. **Journal of homosexuality**, v. 65, n. 13, p. 1788-1816, 2017.

14 BREDA, Helene; BOURDAA, Mélanie. Transidentités et séries télévisées. In: ALESSANDRIN, Arnaud (Orgs.). **Actualité des trans studies**. Paris: Editions des Archives Contemporaines, 2019. p. 101-108.

15 PUGH, Tison. « The Queer Narrativity of the Hero's Journey in Nintendo's The Legend of Zelda Video Games ». **Journal of Narrative Theory**, v. 48, p. 225-251, 2018.

16 YOURD, Melody. Education, community, narrative voices: the internet as a queer storytelling platform. **Gender Studies Research**, v. 2, p. 5-15, 2014.

17 LÉVY, Joseph; DUMAS, Jean; CHAMBERLAND, Line; CHICOINE, Braithwaite Yannick. Usages sociaux d'Internet-santé et stratégies de communication dans la population LGBT canadienne. **Communiquer**, n. 10, p. 45-66, 2013.

18 RICHARD, Gabrielle. Taire ou exposer la diversité sexuelle? Impacts des normes de genre et de l'hétéronormativité sur les pratiques enseignantes. **Genre, sexualité et société**, n. 13, [on-line], 2015.

19 DAGORN, Johanna; ALESSANDRIN, Arnaud. Être une fille, un gay, une lesbienne ou une trans au collège et au lycée. **Le sujet dans la cité**, v. 6, n. 2, p. 140-149, 2015.

20 PETER, Taylor; CHAMBERLAND, Line. A queer day in Canada: examining canadian high school students homophobia in two large-scale studies. **Journal of Homosexuality**, v. 62, n. 2, p. 186-206, 2015.

21 REYGAN, Francis. Emotions and pedagogies of discomfort: teachers' responses to sexual and gender diversity in the free state, South Africa. **Education as Change**, v. 19, n. 1, p. 101-119, 2015.

22 VECHO, Olivier; BENOIT, Schneider. Homoparentalité et développement de l'enfant. Réponse à Maurice Berger. **Le Débat**, v. 183, n. 2, p. 150-156, 2015.

23 WEEKS, Jeffrey; HEAPHY, Brian; DONOVAN, Catherine. **Same sex intimacies families of choice and other life experiments**. Londres: Routledge, 2001.

24 SENTIS, Isabelle. Nos corps peints et tatoués - nous-mêmes: des expériences en santé communautaire menées par et pour des personnes LGBTIQ. In: ALESSANDRIN, Arnaud; DAGORN, Johanna et al. (Orgs.). **Santé LGBTI**. Paris: Editions des Archives Contemporaines, 2019. p. 84-91.

25 RAIL, Geneviève et al. Communauté LGBTI et cancer: besoins de soutien et ressources. In: ALESSANDRIN, Arnaud; DAGORN, Johanna et al. (Orgs.). **Santé LGBTI**. Paris: Editions des Archives Contemporaines, 2019. p. 57-65.

26 QUEMENER, Nelly. Plus gouine la vie, **Miroir / Miroirs**, v.4, 2014.

27 CHETCUTI, Natacha. Autonomisation lesbienne avec les réseaux numériques. **Hermès**, v. 69, n. 2, p. 39-41, 2014.

(PRECIADO, 2008)²⁸ ou intersexos (PLUMEY; DELORY-MOMBERGER, 2016)²⁹ e, mais recentemente, as pessoas de gênero fluido – para não citar somente elas – beneficiam-se de análises voltadas para suas contribuições biográficas e seus espaços de narração independentes a fim de (se) contar (poderemos também incluir as práticas sexuais no interior das comunidades LGBTIQ já exploradas, especialmente, através do BDSM³⁰).

Essas múltiplas abordagens, que se situam próximas da fala, da narrativa de si e das biografias, nos encorajam a seguir a via de um esclarecimento pragmático nos estudos LGBTIQ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Intersexos e Queer – com vistas a uma melhor compreensão das maneiras de fazer e de contar as dificuldades e as experiências quotidianas LGBTIQ, em diferentes e múltiplos contextos. A análise das narrativas biográficas não deve, portanto, limitar-se às injunções destacadas pelas sociedades contemporâneas, no que diz respeito à biografia e à narrativa de si. Trata-se também de analisar as experiências reflexivas dos discursos, das construções narrativas, assim como os lugares, os contextos de sua produção e recepção, pois, insistimos, as narrativas singulares nunca são plenamente desconectadas das narrativas disponíveis em uma dada sociedade. As populações LGBTIQ não são exceção à regra. Contudo, se nossas sociedades dispõem de um estoque de narrações (MARTUCCELLI, 2019)³¹ é possível tornar inteligível o real, religar as experiências pouco concordantes ou realmente destruídas, articular nossas representações e nossas ações, para que se possa compreender que os indivíduos

não estão desprovidos de uma capacidade inventiva em suas vidas.

Esta chamada de artigos visou, portanto, proposições que se inscrevem simultaneamente em uma dimensão microssociológica e macrossociológica, ou seja, textos que não limitam os desafios, as narrativas e as experiências LGBTIQ a uma unidade teórica dominante e que excluem as características políticas e sociais dos contextos evocados. A multiplicidade das temáticas LGBTIQ, a dimensão internacional desta chamada e a profusão destes estudos nos obrigaram a favorecer textos não somente originais, mas igualmente produções exploratórias, inovadoras, frutos de pesquisas de campo qualitativas. O aspecto emergente de certas dimensões narrativas LGBTIQ foi particularmente apreciado.

De maneira não exaustiva, as questões da saúde, da escolaridade, do espaço público, das relações de trabalho e de família ou ainda as experiências intracomunitárias nos interessaram particularmente. Todas não puderam ser privilegiadas. Podemos mesmo pensar, por exemplo, nas imbricações entre as questões LGBTIQ e feministas, ou então entre minorias sexuais/de gênero e migrações.

No mais, as narrativas LGBTIQ contemporâneas são novamente interrogadas quando integram novas identidades de gênero ou de sexualidade que abalam as narrativas biográficas clássicas (“gender fluids people”; “gender creativ kids”; “pansexuality” ...). Esses elementos faziam parte de nossas interrogações iniciais, assim como as questões relativas às tecnologias digitais e seus usos: aparecimento de fãs LGBTIQ, depoimentos digitais etc. Enfim, as dimensões relativas às emoções, às narrativas discretas, sensíveis, emergentes e incertas, e a tudo que a literatura não soube ainda apreender, foi olhado com atenção no presente dossiê.

O presente dossiê totaliza dez artigos. O inventário das temáticas listadas não se encon-

28 PRECIADO, Paul B. **Testo junkie**: sexe, drogue et biopolitique. Paris: Grasset, 2008.

29 PLUMEY, Claudette; DELORY-MOMBERGER, Christine. **La trace**: dits et récits d'une hermaphrodite, travailleuse du sexe. Paris: Téraèdre, 2016.

30 Sujeição e sadomasoquismo.

31 MARTUCCELLI, Danilo. Les matrices narratives du sujet contemporain. **Le sujet dans la cité**, v. 9, p. 21-33, 2019.

tra necessariamente nos textos publicados e lamentamos os vazios, as ausências, em especial no que diz respeito às lésbicas, aos idosos LGBTIQ, exemplos seriados ou de artes. Contudo, não duvidamos que outras revistas, livros e artigos contemplarão este trabalho já iniciado.

“Narrativas LGBTIQ” começa com o texto de Barbara Andrade de Sousa, intitulado “*Os diferentes desafios da cidadania sexual segundo a configuração geopolítica: uma análise comparativa entre o Brasil e os Estados Unidos*”. Inscrito em uma dinâmica comparativa própria à dimensão internacional da revista, o artigo divide-se em duas análises complementares. A primeira examina as diferenças entre a tentativa de construção da cidadania sexual nos Estados Unidos e no Brasil. A exposição espelhada das demandas e dos movimentos sociais dos gays e das lésbicas entre os dois países permite evidenciar cada um dos contextos sociais e políticos no que eles produzem em termos de busca por uma cidadania sexual distinta. Na sequência, o artigo concentra-se no Brasil, interrogando-se sobre a possibilidade de se conquistar uma cidadania sexual em um país com taxas alarmantes de violência contra a população LGBT. Dada a ausência de análises sobre o tema, o artigo busca elucidar tal relação (cidadania sexual *versus* violências LGBT), mobilizando os estudos que situam o feminicídio e o racismo como barreiras de acesso à plena cidadania. Esse paralelo de critérios de discriminação, sob o olhar da noção de cidadania sexual, define o cenário de sociedades punitivas ou restritivas, no que diz respeito às minorias sexuais.

A leitura do dossiê segue com o texto de Nathanael Wadbled, que faz uma análise em torno da “*Filosofia narrativa de Judith Butler*” e interroga “*uma teoria da identidade LGBTIQ*”. Para o autor, “Judith Butler constrói seu conceito de gênero de maneira narrativa, mas não dá suas características definidas sob a forma de

um diagrama ou imagem estática e definitiva. A autora retoma diferentes histórias que toma emprestado da tradição filosófica e psicanalítica”. Essas narrativas levam em conta vários processos de subjetivação que traduzem trajetórias de aceitação de gênero. “Inscrevendo-se em uma herança metodológica tanto hegeliana, quanto foucaultiana, Butler define o conceito de gênero como o movimento desse processo e o descreve contanto a história daquilo que o conceitualiza”. Para Nathanael Wadbled, Butler responde ao imperativo de reconhecer a experiência das pessoas LGBTIQ sem tornar os sujeitos anormais. Retomando as palavras do autor, “o gênero é assim definido de forma dinâmica, quase... sem definição, ficções plausíveis” de forma.

Dissemos na introdução que as questões da saúde têm seu lugar na análise biográfica. Cécile Loriato apresenta sua contribuição, no artigo “*As figuras sociais do usuário da PrEP sob o prisma da análise de depoimentos na internet*”. Tomando por objeto a análise de testemunhos na internet, esta contribuição propõe elucidar as figuras sociais do usuário da PrEP, novo recurso de prevenção do HIV, a fim de questionar as representações da sexualidade gay, tais como aparecem nas interações entre os participantes de um grupo de discussão do Facebook dedicado à PrEP. Os depoimentos foram analisados em uma perspectiva diacrônica, no âmbito de uma etnografia on-line, para a qual foram mobilizados diferentes métodos: observação e análise do dispositivo sociotécnico, entrevistas semidiretivas, assim como uma análise quantitativa da participação. A análise das narrativas, enquanto objetos submetidos a um dispositivo sociotécnico, institucionalizado e mutável, da interação, permitiu evidenciar as figuras sociais do usuário da PrEP que se constituem a partir do cruzamento entre a natureza do comportamento (conforme e não conforme à norma) e as reações suscitadas (ou seja, em

função da percepção dos participantes do grupo). Assim, a figura do “prepeur racional” pôde emergir, bem como aquela do “bom prepeur”, em oposição à figura do “mau prepeur”, além da figura do “prepeur responsável”.

As questões em torno da saúde continuam nos estudos da sociologia do desvio graças ao texto de Osvaldo Fernandez e Edward MacRae, intitulado *“Entre carreiras, redes e circuitos LGBT: uma abordagem etnográfica dos estudos e dos modelos de consumo de cocaína em São Paulo”*. Este artigo é o resultado de longas pesquisas etnográficas realizadas na cidade de São Paulo junto a usuários de cocaína situados em diferentes territórios e circuitos, em particular de consumidores LGBTQ + da região central da capital. A pesquisa foi construída a partir de observações diretas e o emprego de “informantes-chave”, interrogados que contaram tanto sobre seu consumo, quanto sobre as redes de amizade, evidenciando dois momentos diferentes: 1994 e 2006. Esta pesquisa buscou compreender o aprendizado do uso de drogas ilícitas (cocaína), mostrando o papel assumido pela mesma em diferentes contextos socioculturais, especialmente o uso da cocaína em contextos sexuais e homoeróticos.

Entre os textos recebidos, muitos abordaram a temática das transidentidades, além da questão da não binaridade ou da fluidez de gênero que, por vezes, parece prevalecer em investigações recentes, que mostram a emergência desta temática (ALESSANDRIN, 2018)³². Neste dossiê, o artigo sobre as *“Narrações da experiência não binária”*, de Neilton dos Reis e de Roney Polato de Castro, aborda a questão. Baseados em uma pesquisa do domínio da educação, os autores abordam as questões ligadas ao gênero, à binaridade e à não binaridade de gênero, a partir de extratos da narrativa de três jovens que se identificam

como pessoas não binárias; as narrativas são construídas a partir de entrevistas realizadas ao longo dos anos de 2016 e 2017. Em narrativas selecionadas, foi analisada a maneira dos sujeitos se posicionarem e equilibrarem as identidades e diferenças, levando em conta parâmetros como os mecanismos instituídos pelas normas binárias de gênero (assim como as potenciais sanções). Como os sujeitos da narrativa expressam seus corpos? Como se efetua a identificação e a diferenciação em relação à matriz de inteligibilidade binária de gênero? De qual maneira, as experiências de desconforto e violência vividas pelos sujeitos, que negociam suas maneiras de ser, agir, sentir e refletir, repercutem sobre as relações com os outros? Essas e outras são questões que o artigo busca responder.

Seguindo a abordagem biográfica das questões trans, o artigo de Maoua Marmouch interessa-se pelas *“Narrativas biográficas transgêneros wallisiennes e kanak na Nova Caledônia”*. Neste arquipélago situado na Melanésia, no Pacífico Sul, as mulheres transgêneros pertencem a todos os grupos étnicos (wallisianos, tahitianos, kanaks...) com uma predominância na comunidade wallisiana imigrada para o centro urbano de Nouméa. Nos kanak, a população autóctone, a presença transgênero é, ao contrário, negada e muito pouco visível. A visibilidade das pessoas transgênero wallisianas, em Nouméa, leva a pensar, em um primeiro momento, que elas seriam mais toleradas, até mesmo aceitas por suas famílias que aquelas de origem kanak. Contudo, as narrativas de vida dos transgêneros wallisianos e kanak, analisadas na tese da autora, contrapõem-se às formas conhecidas de estigmatização, de rejeição e de negociação, no longo prazo, no seio das famílias e da comunidade em geral. Neste artigo, a partir de quatro narrativas coletadas junto a quatro transgêneros, dois de origem wallisiana e dois kanaks, a pesquisa-

32 ALESSANDRIN, Arnaud. **Sociologie des transidentités**. Paris: Cavalier Bleu, 2018.

dora descreve a forma como é vivida e negociada a feminilidade transgênero em relação à família, na Kanaky ou Nova Caledônia.

Pedro Paulo Souza Rios e Alfrâncio Ferreira Dias inscrevem-se também no mundo da educação, com o artigo intitulado *“Então eu era classificado como uma pessoa estranha: entre as narrativas na construção do estranho no corpo de professores gays”*. O objetivo deste trabalho é examinar, segundo os próprios termos dos autores, os meios de construir o “estranho” no corpo e no discurso de professores homossexuais na região do semiárido da Bahia, considerando os processos de construção de gênero e da sexualidade, em suas trajetórias de vida, formação universitária e profissional. O trabalho analítico permitiu deduzir como os processos de produção do “estranho” agem sobre o corpo dos participantes graças a um mecanismo de vigilância e de sanções, em vigor em diferentes instituições, dentre as quais a escola. Assim, os autores analisaram as estratégias implementadas com vistas a confrontar um modelo heteronormativo, erigido sobre uma única norma de experiência das sexualidades e subjetividades de gênero. A fim de produzir sob o signo do “estranho” tudo aquilo que, de uma certa maneira, desafia este modelo, os autores dão visibilidade à fala dos corpos que são tomados tanto pela instituição, quanto por suas singularidades.

Juliane Costa da Silva e Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios situam-se ao lado da sociologia da educação, com um artigo sobre *“Jovens gays na escola”* e *“A masculinidade, a infância e suas narrativas”*. O artigo apresenta histórias de alunos gays, marcados na infância por interrogações relativas à masculinidade, vividas nos espaços de formação da escola e da família. Trata-se de uma pesquisa narrativa, cuja opção metodológica foi inspirada pelos estudos das histórias orais, utilizando entrevistas narrativas como meio de coleta das

histórias de vida. Seis alunos gays do ensino médio de uma escola pública situada na Bahia foram entrevistados pelas pesquisadoras. Este estudo salienta que os jovens homossexuais reconstroem suas histórias e suas trajetórias escolares através de um processo de autoinvestigação, ampliando suas percepções sobre sua infância, a partir das relações fundadas na família e reforçadas pelas relações interpessoais com colegas de turma. A questão dos apelidos pejorativos e da obrigação de se encontrar entre pares é abordada. No total, retomando os autores, as narrativas dão a sensação de que *“a masculinidade hegemônica acaba violentando o corpo das crianças gays”*.

Maria Rita de Assis César, conhecida por seus trabalhos sobre gênero, acompanhada de Dayana Brunetto Carlin dos Santos e Amanda da Silva dão continuidade ao dossiê com o artigo intitulado *“Narrativas trans: ensino e prostituição”*. Neste artigo, buscam analisar as experiências de professores trans que trabalham na educação primária no Estado do Paraná, assim como suas relações com a prostituição. A pesquisa é fruto de um questionamento sobre a profissionalização dos professores trans*, em diálogo com seus processos de dupla constituição de si, ou seja, enquanto professoras e profissionais do sexo. Por meio de entrevistas narrativas com seis mulheres trans*, professoras das redes de educação pública municipal, foi possível perceber que as experiências de ensino dessas pessoas trans* podem não somente constituir um movimento de resistência às normas de gênero rígidas e impostas no meio escolar, mas, paralelamente, a presença de seus corpos neste ambiente suscita um novo questionamento das pessoas que gravitam em torno delas. Em quais condições? É o que o artigo analisa.

O artigo de Cleilson Queiroz Lopez, intitulado *“Espetáculo LGBTIQ Sofia -35: desafios da autobiografia e do gênero em cena”* finaliza

este dossiê. Totalmente inscrito na abordagem da pesquisa (auto)biográfica, o autor ocupa o lugar de artista-pesquisador. Seu objetivo principal é analisar a criação dramática do espetáculo “LGBTIQ Sofia -35”, um monólogo no qual o autor, enquanto ator e dramaturgo homossexual, desconstrói(-se) e reconstrói(-se), ao longo da peça, para buscar compreender como a realidade e a ficção se reportam à construção do personagem Sofia. A partir de discussões contemporâneas sobre gênero, o artigo aborda questões como migração, saúde pública, educação e direitos das comunidades LGBTIQ. O autor utiliza assim uma livre expressão fundamentada pela pesquisa bibliográfica e narrativas pessoais. A narrativa autobiográfica do espetáculo Sofia -35 desmantela os discursos heteronormativos dominantes através da arte e enfatiza o espaço distinto e poroso da ilusão e da realidade. Nesse sentido, as cenas LGBTIQ, fruto da estética teatral autobiográfica, permitem ao espectador reelaborar realidades possíveis.

Na seção “memórias” da revista, o resumo da dissertação de Clément Réserve aborda a temática LGBTIQ em uma síntese do seu trabalho de conclusão de estudo sobre menores trans e sua (não) inclusão no sistema educativo francês. Diante da leitura deste dossiê, nós não podemos deixar de fazer um paralelo com nossas pesquisas atuais. Em uma investigação recente sobre as discriminações vividas pelas pessoas LGBTIQ, no espaço público, uma soma importante de depoimentos chegou até nós. O que eles dizem? Que falar da experiência LGBTIQ é sempre falar um pouco de uma experiência discriminatória ou de sua ameaça. É falar igualmente das modalidades de gestão do risco, a fim de afrontar a potencialidade do risco homofóbico ou transfóbico. É dizer assim que os apoios, os amigos, as redes tornam-se mais fortes nas relações, como nas representações, essas séries, filmes, livros que inspiram e dão

à narrativa uma textura assumida. Escrever, contar-se, é também fugir, contar os desafios, as dúvidas, as hesitações, os silêncios que fazem parte destas histórias. É também narrar as lutas, as lembranças que atravessam as comunidades LGBTIQ, em testemunho. É enfim expressar os equilíbrios, as incertezas, aquilo que parece certo, robusto e que se desmorona: uma amizade, uma crença. Esse cotidiano, coletivo e singular, os LGBTIQ terão que contar e (re)contar ainda mais, para que as metanarrativas políticas e sociais não as enterrem.

Bordeaux, primavera de 2019

Arnaud Alessandrin
Johanna Dagorn³³
Université de Bordeaux

³³ Os autores são sociólogos na Université de Bordeaux (França), pesquisadores associados ao LACES (Laboratório Culturas, Educação, Sociedades) e codiretores da Revista “Les cahiers de la LCD – Lutte Contre les Discriminations”. Johanna Dagorn e Arnaud Alessandrin dirigiram as pesquisas “Santé LGBTI” (DILCRAH, 2017) e “Ville et LGBT-Phobie” (Mairie de Bordeaux, 2018).